



A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

PRAXIS IN THE CULTURAL-HISTORICAL CLINIC PSYCHOLOGY WITH COUPLES: AN EXPERIENCE REPORT

PRAXIS EN LA PSICOLOGÍA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL CON PAREJAS: RELATO DE UNA EXPERIENCIA

José da Silva Oliveira Neto¹, Ana Ignez Belém Lima²

e616133

<https://doi.org/10.47820/recima21.v6i1.6133>

PUBLICADO: 1/2025

RESUMO

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é a perspectiva psicoterapêutica fundamentada e resgatada do trabalho do psicólogo soviético L. S. Vigotski. Essa abordagem está em pleno crescimento e difusão no Brasil, com a construção e fortalecimento de diversos grupos de trabalho e pesquisa. Entretanto, ao mesmo tempo em que cresce o interesse por essa perspectiva, contraditoriamente, percebe-se a pequena quantidade de produções teóricas e/ou práticas às quais jovens psicoterapeutas podem recorrer em sua formação. Nesse fluxo, a situação se agrava quando se analisa a realidade da psicologia clínica histórico-cultural com casais, que não conta basicamente com quase nenhum escrito que circunscreva esse campo de atuação. Aponta-se a existência de poucos estudos que, a partir da perspectiva histórico-cultural, discutem temas como relacionamentos amorosos, violência psicológica em casais, mas nenhum deles com foco na psicologia clínica histórico-cultural. Nesse cenário, este estudo de relato de experiência objetivou discutir os fundamentos teórico-práticos da psicologia clínica histórico-cultural com casais. Sendo um estudo de relato de experiência, foram selecionadas impressões de atuação e intervenção com casais em nosso trabalho como psicólogos clínicos histórico-culturais. Concluiu-se que a psicologia clínica histórico-cultural com casais se afasta das perspectivas tradicionais de intervenção com casais ao criticar o abstracionismo manifesto na compreensão de família dessas teorias e por propor a investigação histórica dos problemas vividos por um casal ou parceria. Ademais, a psicologia clínica histórico-cultural com casais se caracteriza como uma terapêutica da intencionalidade, da transformação e do desenvolvimento, a qual articula os problemas psicológicos vividos por casais ou parcerias de forma psicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica Histórico-Cultural. Psicoterapia Histórico-Cultural. Terapia de casal.

ABSTRACT

Historical-Cultural Clinical Psychology is the psychotherapeutic perspective based on and revived from the work of Soviet psychologist L. S. Vygotsky. This approach is growing and spreading in Brazil, with the construction and strengthening of various work and research groups. However, at the same time as interest in this perspective is growing, contradictory, there are few theoretical and/or practical productions that young psychotherapists can turn to in their training. In this context, the situation worsens when we analyze the reality of cultural-historical clinical psychology with couples, which basically has almost no writings on this field of practice. There are a few studies which, from a cultural-historical perspective, discuss topics such as love relationships and psychological violence in couples, but none of them focus on cultural-historical clinical psychology. Against this backdrop, this experience report study aimed to discuss the theoretical and practical foundations of cultural-historical clinical psychology with couples. As this is an experience report study, we selected impressions of working and intervening with couples in our work as cultural-historical clinical psychologists. It was concluded that historical-cultural clinical psychology with couples departs from traditional perspectives on

¹ Psicólogo (UECE) e sexólogo (CBI of Miami), Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicoterapeuta histórico-cultural e fundador do Instituto Veresk.

² Psicóloga, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Santiago da Compostela (Espanha). Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

intervention with couples by criticizing the abstractionism manifested in these theories' understanding of the family and by proposing a historical investigation of the problems experienced by a couple or partnership. Furthermore, historical-cultural clinical psychology with couples is characterized as a therapy of intentionality, transformation and development, which articulates the psychological problems experienced by couples or partnerships in a psychosocial way.

KEYWORDS: *Historical-Cultural Clinic. Historical-Cultural Psychotherapy. Couple therapy.*

RESUMEN

La Psicología Clínica Histórico-Cultural es la perspectiva psicoterapéutica basada y retomada de los trabajos del psicólogo soviético L. S. Vygotsky. Este enfoque está creciendo y difundiendo en Brasil, con la construcción y fortalecimiento de diversos grupos de trabajo e investigación. Sin embargo, al mismo tiempo que crece el interés por esta perspectiva, contradictoriamente, hay pocas producciones teóricas y/o prácticas a las que los jóvenes psicoterapeutas puedan recurrir en su formación. En este contexto, la situación se agrava cuando analizamos la realidad de la psicología clínica histórico-cultural con parejas, que básicamente casi no cuenta con escritos sobre este campo de práctica. Existen algunos estudios que, desde una perspectiva histórico-cultural, abordan temas como las relaciones amorosas y la violencia psicológica en la pareja, pero ninguno de ellos se centra en la psicología clínica histórico-cultural. Con este telón de fondo, este estudio de informe de experiencia pretendía debatir los fundamentos teóricos y prácticos de la psicología clínica histórico-cultural con parejas. Al tratarse de un estudio de informe de experiencias, se seleccionaron impresiones de trabajo e intervención con parejas en nuestro trabajo como psicólogos clínicos histórico-culturales. Se concluyó que la psicología clínica histórico-cultural con parejas se aleja de las perspectivas tradicionales de intervención con parejas al criticar el abstraccionismo manifestado en la comprensión de la familia de estas teorías y al proponer una investigación histórica de los problemas vividos por una pareja o pareja. Además, la psicología clínica histórico-cultural con parejas se caracteriza por ser una terapia de intencionalidad, transformación y desarrollo, que articula de forma psicosocial los problemas psicológicos experimentados por las parejas.

PALABRAS CLAVE: *Clínica Histórico-Cultural. Psicoterapia Histórico-Cultural. Terapia de pareja.*

INTRODUÇÃO

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é a perspectiva terapêutica fundamentada e resgatada do trabalho do psicólogo soviético L. S. Vigotski. É um sistema teórico complexo e completo, portanto, com seus próprios conceitos, métodos de pesquisa e estratégias de intervenção para os contextos clínicos (Lima, 2020). Em linhas gerais, a Psicologia Histórico-Cultural compreende o ser humano como alguém constituído historicamente, ativo em suas relações e intencional em toda a sua atividade psíquica, o que faz com que, em termos clínicos, compreendamos o paciente¹ como alguém passível de mudanças e transformações em sua relação com o mundo e em seus processos de aprendizagem (Vigotski, 2001).

Essa abordagem está em pleno crescimento e difusão no Brasil, com a construção e fortalecimento de diversos grupos de trabalho e pesquisa. Entretanto, ao mesmo tempo em que cresce o interesse por essa perspectiva, contraditoriamente, percebe-se a pequena quantidade de produções teóricas e/ou práticas às quais jovens psicoterapeutas podem recorrer em sua formação.

¹ O termo paciente é uma palavra polissêmica em psicologia, portanto apresenta múltiplos significados. Em linhas gerais, tradicionalmente, quando paciente é empregado nas teorias psicológicas acaba por se referir a uma ideia de indivíduo passivo. Entretanto, seu significado é diferente a depender da raiz etimológica do termo. No caso da Psicologia Histórico-Cultural, quando utilizamos o termo paciente, usamo-lo em sua raiz do grego *páthos*, que significa capacidade de afetação. Assim, o paciente, na psicologia clínica histórico-cultural, é aquele que está passível de ser afetado e afetar em suas relações.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Nesse fluxo, a situação se agrava quando se analisa a realidade da psicologia clínica histórico-cultural com casais, que não conta basicamente com quase nenhum escrito que circunscreva esse campo de atuação (Oliveira Neto, 2023). Aponta-se a existência de poucos estudos que, a partir da perspectiva histórico-cultural, discutem temas como relacionamentos amorosos, violência psicológica em casais, mas nenhum deles com foco na psicologia clínica histórico-cultural (Alencar, 2019; Souza, 2018).

Tendo em vista o problema descrito, este estudo se justifica em termos de relevância para a área dos estudos da Psicologia clínica Histórico-Cultural e, assim, teve como objetivo geral discutir os fundamentos teórico-práticos da psicologia clínica histórico-cultural com casais, a partir da técnica qualitativa do relato de experiência, que privilegia as impressões e os sentidos produzidos pelo pesquisador em sua relação com a realidade pesquisada ou contexto de intervenção. As discussões foram realizadas a partir do aprofundamento teórico da Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski (Vigotski, 2007).

REFERENCIAL TEÓRICO

A psicologia clínica é um campo de atuação tradicional de psicólogos e psicólogas no Brasil e em todo o mundo, tendo como propósito central, através de técnicas e estratégias de manejo em saúde mental, oportunizar melhorias na qualidade de vida do paciente e em sua saúde mental (Dutra, 2004). Nesse ínterim, a psicologia clínica tem construído diversos braços de ação e intervenção, dentre eles: psicoterapia infantil, psicoterapia de grupo, psicoterapia familiar e de casal etc. Estudos discutem ser necessário que habilidades específicas sejam desenvolvidas na formação de psicoterapeutas/psicólogos para a atuação em cada um desses contextos, a fim de que os recursos multiculturais terapêuticos estejam disponíveis para o indivíduo que busca por psicoterapia (Silva-Dias *et al*, 2023).

Acerca do último braço da psicologia clínica anteriormente citado, a psicoterapia de casal, convém sinalizar que se trata da intervenção psicológica na clínica privada – pelo menos, na maior parte do tempo – que se destina a solucionar problemas os mais variados do campo dos relacionamentos sexo-afetivo-amorosos, dentre eles podemos citar: problemas de gênero; extraconjugalidade; dificuldades de comunicação; incompatibilidades nos modelos de parentalidade; experimentação de modelos de relacionamentos não-monogâmicos; traumas ligados à violência física e/ou psicológica cometida por um ou mais membros da parceria; desenvolvimento de repertório sexual etc. (Costa *et al*, 2017). São muitos os aspectos com os quais nos deparamos em nossa atuação como psicoterapeutas de casais, os quais, nesse sentido, demandam um referencial teórico e prático denso, coeso, coerente e crítico, para que não caiamos na reprodução de nossas crenças e valores ao lidar com os desafios da vivência conjugal.

Historicamente, a psicoterapia de casal, como campo do conhecimento, é marcada por teorias que ora estão localizadas – e, assim, podem ser classificadas – nas perspectivas psicodinâmicas, de orientação psicanalítica, ora estão localizadas dentro de leituras sistêmicas. Apesar dessas correntes terem diferenças conceituais e metodológicas, não é incorreto apontar para



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

o fato de que, em ambas as perspectivas, há uma visão de ser humano abstrata, ou seja, que não é compreendido a partir das relações históricas e culturais, que, por sua vez, são concretas e respondem aos interesses da luta de classes. Nesse sentido, não é incomum que, em processos terapêuticos de casal orientados por essas teorias, as respostas para os problemas vivenciados por uma parceria sejam buscados em modelos de desenvolvimentos universais ou estritamente na história da dinâmica familiar constituída pela parceria em questão, ou ainda nos processos primários de socialização de suas famílias (Feres-Carneiro, 1994).

Como movimento de crítica à preponderância do mecanicismo e do abstracionismo na psicologia, ainda no início do século XX, Vigotski (2004), em seu famoso texto “O significado histórico da crise da psicologia”, chama-nos a atenção para o fato de que a psicologia apresenta problemas metodológicos muito sérios, uma vez que não pensa nem investiga os processos psicológicos humanos em sua gênese, a saber a cultura. Para o psicólogo soviético, o psiquismo humano é constituído culturalmente e nos meandros da dialética da história, o que significa que nossa conduta superior deve ser explicada por métodos que tomem a realidade material como ponto de partida – característica essa que Vigotski denunciava não haver nas psicologias de sua época (Vigotski, 2023). Apesar de a psicologia ter passado por importantes avanços desde o início do século XX até hoje, as mesmas tendências abstracionistas e mecanicistas ainda existem nas teorias psicológicas, crítica presente nas discussões de importantes pesquisadores contemporâneos (Damásio, 2012).

Por outro lado, Lev Vigotski não ficou preso na crítica a essas psicologias, mas avançou na proposição e na construção de uma psicologia geral, que entendesse que a cultura e a história estão na gênese do psiquismo humano e que também compreendesse que as relações de desenvolvimento e aprendizagem, saúde e doença, cognição e afeto etc. se dão nos processos de transformação que o ser humano faz sobre o mundo e que o mundo faz sobre o ser humano. Essa proposição mais tarde se chamou de Psicologia Histórico-Cultural, de acordo com a qual nossos processos subjetivos são a imagem subjetiva de uma realidade que é anterior a nós e que é também objetiva. Ademais, nessa perspectiva, nossas funções mentais e nossa atividade dão um salto enorme em seu desenvolvimento à medida que aprendemos a dominar os instrumentos e a construir semanticamente signos. Trata-se de uma corrente psicológica eminentemente marxista, o que, portanto, fá-la centralizar sua análise na compreensão, na investigação e na intervenção dos processos psicológicos (Vigotski, 2007).

Temos assistido, ao longo da última década no Brasil, um aumento do interesse de profissionais de psicologia pela perspectiva histórico-cultural na clínica, com o fortalecimento de vários grupos de trabalho, estudo e pesquisa por todo o território. Entretanto, contraditoriamente, ao mesmo tempo em que cresce o interesse pela psicológai histórico-cultural na clínica, ainda há muito poucos textos – artigos, livros, dissertações e teses – que discutam os fundamentos teóricos e práticos dessa perspectiva para o campo da psicoterapia, o que enfraquece a compreensão de como se dá a psicologia clínica histórico-cultural e aumenta a desistência pelos estudos da abordagem.

Já defendemos em outro momento que a Psicologia Histórico-Cultural é um sistema complexo e completo em psicologia, o lhe garante seus próprios conceitos, instrumentos metodológicos de investigação e estratégias de intervenção (Oliveira Neto *et al*, 2022). Além disso,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

sendo um sistema psicológico, é uma perspectiva com aplicabilidade na clínica, seja ela ampliada ou psicoterápica, esta última objeto neste texto. Assim, o que estamos chamando de psicologia clínica histórico-cultural é a perspectiva psicoterapêutica fundamentada e resgatada do trabalho do psicólogo soviético L. S. Vigotski e de seus colaboradores: A. Luria, A. N. Leontiev, B. Zeigarnik, D. Elkonin, dentre outros.

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é a terapêutica da transformação e do desenvolvimento. Em um primeiro momento, dizemos da transformação, pois, como uma psicologia marxista, reafirmamos o caráter de mudança que os processos humanos assumem ao longo da história da humanidade e na história dos indivíduos que estão em processo psicoterapêutico. Dessa forma, o ser humano, na clínica histórico-cultural, é eminentemente ativo em sua relação com o mundo e com o outro, sendo capaz de transformar a realidade e, quando a transforma, ser modificado por ela – trata-se de uma relação dialética. Essa característica inaugura uma relação entre psicoterapeuta histórico-cultural e paciente, marcada pela transformação mútua de um pelo outro ao longo da caminhada terapêutica: enquanto o psicoterapeuta aporta mediação orientada pelo conhecimento científico manifesto nas estratégias de manejo e intervenção, o paciente traz para o cenário terapêutico mudanças relacionadas às suas vivências e ao seu processo de produção de sentido (Lima; Oliveira Neto, 2023).

Em um segundo momento, dizemos do desenvolvimento por dois fatores: a) é impossível olhar para os problemas de sofrimento mental em uma mirada histórico-cultural sem dimensionarmos o desenvolvimento humano, afinal Vigotski (2006) possui uma densa sistematização acerca do desenvolvimento humano, das suas crises e daquilo que é mais ou menos característico em cada período do desenvolvimento; b) não existe intervenção histórico-cultural, inclusive na clínica, que não passe pela intenção de promover desenvolvimento, isto é, que não se proponha a mobilizar instrumentos mediadores na dinâmica psíquica do paciente que compensem os déficits apresentados ao longo de sua ontogênese.

A Psicologia clínica Histórico-Cultural com casais ou, simplesmente, Psicoterapia Histórico-Cultural com casais, pelo já discutido, apresenta-se com um modelo alternativo de compreensão e intervenção nos problemas psicológicos presentes nas relações amorosas que atendemos em contexto clínico. Partindo das premissas já apontadas, objetivamos com casais a promoção de desenvolvimento e transformação em relações amorosas ou conjugais adoecidas, a partir da contextualização histórica dos seus problemas e da construção de um Projeto Terapêutico Singular. No Brasil, há poucas produções que discutem o tema dos relacionamentos amorosos em uma mirada histórico-cultural e, quando o fazem, fazem-no a nível teórico e sem relação alguma com o campo da clínica. Assim, este estudo se justifica por vários fatores: a) aumento do interesse de jovens psicoterapeutas pela abordagem histórico-cultural; b) potencial heurístico e interventivo da clínica histórico-cultural para a práxis com casais; e c) ausência de produções no eixo psicologia clínica histórico-cultural com casais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

MÉTODOS

Este estudo é de natureza eminentemente qualitativa e, portanto, dedica-se a compreender aquilo que tem de específico e particular no fenômeno psicológico estudado (Taquette; Borges, 2021). Nessa perspectiva, foram selecionadas impressões da experiência de um dos autores em atendimento psicoterápico de casal orientado na perspectiva da psicologia clínica histórico-cultural, cujo processo terapêutico durou dois anos. De modo mais específico, este estudo é um relato de experiência. De acordo com Nagai e Izeki (2013), relatos de experiência são um método qualitativo de pesquisa em que os pesquisadores, a partir de sua vivência de pesquisa ou de atuação em algum contexto profissional, refletem sobre uma problemática em específico, a fim de ilustrar modelos, raciocínio clínico e/ou fortalecer a necessidade de pesquisas futuras sobre o tema, seja em viés quantitativo, seja em viés qualitativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos atendimentos clínicos histórico-culturais com o casal, alguns temas e processos sobre os quais precisamos intervir emergiram de forma mais significativa, dessa forma, para melhor compreensão e visualização das impressões no decorrer da caminhada terapêutica, esta sessão foi dividida em três momentos: a) O diagnóstico diferencial na psicoterapia histórico-cultural com casais, que discute o acolhimento-intervenção inicial e a construção do Projeto Terapêutico Singular; b) A configuração de personalidade do casal e suas experiências de aprendizagem, que trata sobre as dinâmicas de internalização e constituição da personalidades presentes na ontogênese de uma parceria; e c) Mediação de desenvolvimento e promoção de rupturas, que versa sobre a construção de intervenções clínicas histórico-culturais na psicoterapia de casal.

O diagnóstico diferencial na psicoterapia histórico-cultural com casais

Quando olhamos para a prática de pesquisa e atuação profissional de Vigotski no contexto clínico, percebemos uma importante preocupação com a análise da aprendizagem e do desenvolvimento do humano, tratando, assim, de analisar aquilo que já está presente na sua dinâmica psíquica e aquilo que não está, sejam estes componentes saudáveis ou adoecidos. Vigotski *et al.*, (2005) dão enorme importância ao tema da aprendizagem e a entendem como o movimento de apropriação do mundo feito pelo ser humano em uma relação dialética com ele, de maneira que transforma o mundo em realidade interna. Estendendo esse raciocínio para o campo da clínica, também analisamos as aprendizagens subjetivas feitas pelos nossos pacientes ao longo de todo o seu processo de desenvolvimento-aprendizagem, discriminando que aprendizagens foram saudáveis ou patológicas, assim como que aspectos desenvolvimentais estão íntegros ou adoecidos.

Na clínica histórico-cultural com casais, não é diferente. O psicoterapeuta histórico-cultural, sobretudo nos primeiros meses de trabalho psicoterápico, deve levantar as informações necessárias para compreensão de quais aspectos estão saudáveis ou não nas zonas de aprendizagem e desenvolvimento da parceria em questão, afinal somente após uma minuciosa análise qualitativa do



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

desenvolvimento de uma parceria é que podemos propor as intervenções necessárias e contextualizadas aos pacientes que buscaram auxílio para seu desenvolvimento psicológico como casal. Nessa perspectiva, Luria (1981) nos ensina que nossa análise dos problemas psicológicos, inclusive os clínicos, deve ser sindrômica, ou seja, sinalizadora dos fatos e conjuntos de fatos que contribuem para o estado mental adoecido.

No que tange à nossa experiência com o casal atendido, destaca-se que os pacientes buscaram a psicoterapia histórico-cultural de casal durante a pandemia de Covid-19, momento durante o qual, conforme estudos, problemas de intimidade conjugal se acentuaram significativamente (Souza; Almeida; Gomes, 2022). Dentre os aspectos prejudicados da dinâmica psíquica dessa parceria, estavam a capacidade de comunicação saudável, desalinhamentos relacionados à parentalidade, assim como feridas de gênero importantes fomentadas ao longo dos vinte anos de relação conjugal que vinham mantendo. Já defendemos em outro momento, baseado em alguns dos aspectos teóricos já discutidos, uma proposta de organização da psicoterapia de base histórico-cultural, dividida em períodos de atendimento clínico, os quais, entretanto, segundo o proposto, não se tratam de etapas que se seguem uma após a outra, senão, na verdade, de momentos do desenvolvimento do trabalho clínico em que são observadas certas características nos pacientes; em nosso caso, na parceria² atendida (Oliveira Neto, 2023).

Nessa perspectiva, como primeiro momento da psicoterapia histórico-cultural, temos o acolhimento-intervenção na síndrome sintomática. Tal momento se caracteriza pelo caráter agudo da queixa inicial do paciente. No caso da psicoterapia histórico-cultural com casais, é comum observarmos incapacidade de comunicação entre as partes, insegurança e medo frente à quebra de confiança por um ou mais membros da parceria, desacordo com relação às regras do relacionamento, dentre outros sintomas próprios desse primeiro momento. Nesse sentido, a postura do psicoterapeuta histórico-cultural de casal deve ser a de organizar mediações que promovam melhorias nos recursos psíquicos ligados à autorregulação e à relação das unidades cognição e afeto, diminuindo, assim, progressivamente, os focos geradores de crise na relação (Oliveira Neto; Lima, 2024).

Entretanto, esse período da caminhada terapêutica está eminentemente marcado pelo levantamento qualitativo de informações acerca do funcionamento psíquico de nossos pacientes. Em outros termos, para que acolhamos e intervenhamos sobre a síndrome sintomática, precisamos investigar as raízes genéticas do adoecimento por que passam nossos pacientes, uma vez que, se não o fizermos, corremos o risco de mediar intervenções baseadas em universalismos, o que definitivamente não é característica da clínica histórico-cultural de Vigotski. Para tal, no caso acompanhado, utilizamos instrumentos como a dinâmica do tempo, para construir o nexo de fatos que constituíram a personalidade/subjetividade do casal, e o cenário de vida, para averiguarmos os

² Parceria é um termo que tem sido sugerido no campo da psicoterapia de casal e familiar para se referir aos arranjos amorosos que as pessoas estabelecem entre si na contemporaneidade. Tem-se entendido que o termo casal é obsoleto, uma vez que deixa à margem uma série de configurações de relacionamento amoroso que não são validadas pela lei, como as relações não-monogâmicas. Ademais, o termo parceria também tem sido fortalecido por, em sua abrangência, trazer para perto da análise clínica psicológica corpos outros que não façam parte do arranjo formal, como é o caso de parceiros extraconjugais (Diniz Neto; Féres-Carneiro, 2005).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

potenciais saudáveis e adoecidos na dinâmica psíquica da relação (Oliveira Neto; Bandeira, 2020).

Em nossa experiência com a parceria referida, inicialmente, sugerimos, após a análise minuciosa dos elementos qualitativos produzidos nas mediações realizadas, para atenuar os conflitos de comunicação, uma intervenção por nós construída, chamada de *caixa dos conflitos*. O instrumento consiste em uma estratégia de mediação voltada para trabalhar os mecanismos de autorregulação relacionados a uma função psicológica superior geralmente despotencializada nos momentos de conflito de um casal, a saber, a função executiva, mais especificamente o controle inibitório (Grassi-Oliveira; Daruy Filho, 2008). Nesse sentido, o psicoterapeuta histórico-cultural sugere que cada participante do arranjo selecione ou construa uma caixa, na qual irá depositar, escrito em pedaços de papel, as queixas relacionadas ao cônjuge, de modo que, uma ou duas vezes por semana, a parceria irá abrir a caixa dos conflitos e ler, em contexto mais apropriado, de preferência na presença e com a mediação do psicoterapeuta histórico-cultural, cada uma das queixas.

Em uma mirada histórico-cultural, não há intervenção sem investigação e, por consequência, não há intervenção psicoterápica sem diagnóstico. Diferentemente do que a psicologia hegemônica define como diagnóstico, Vigotski (1997) identificava a prática diagnóstica como um processo de investigação qualitativa de carácter prognóstico, o que significa que o diagnóstico clínico histórico-cultural não tem como objetivo enclausurar o paciente em categorias nosológicas estanques. Ainda que utilizemos tais categorias para pensar e se referir ao adoecimento psíquico de nossos pacientes, elas não são um veredito sobre o seu desenvolvimento, senão um indicativo do nível de desenvolvimento real que nossos pacientes têm quanto a determinado(s) aspecto(s) do seu desenvolvimento psíquico, o que engloba suas funções superiores e sua atividade, assim como de em que direções podemos avançar em seu nível de desenvolvimento potencial. Nesse contexto, o diagnóstico diferencial é uma ferramenta clínica histórico-cultural que fortalece a eficácia – por assim dizer – das intervenções e das mediações que inserimos na zona de desenvolvimento próximo de nossos pacientes (Vigotski, 1999).

Obviamente, todavia, os processos de desenvolvimento não são simples; na verdade, como diria Vigotski (1999a), eles são dramáticos e se expressam como dialética de contrários. Considerando, por exemplo, que o casal que atendemos estava junto há duas décadas, trata-se, assim, de duas décadas de processos de aprendizagem e desenvolvimento que nem sempre foram saudáveis e potencializadores. Nas entrevistas conjuntas e individuais que realizamos ao longo do processo psicoterápico, aferimos uma série de feridas psicológicas que se tornaram parte da construção da personalidade do casal e que inauguraram configurações patológicas de conduta e de atividade psíquica.

Nesse sentido, foi necessário que, junto da estratégia da caixa dos conflitos, estruturássemos outras intervenções que auxiliassem a inaugurar a mudança na forma como a parceria funcionava, a fim de potencializar novas aprendizagens e generalizar novas configurações de conduta. Um outro exemplo de estratégia também usado em sessão foram as *placas mediadoras*. Elas consistem em o psicoterapeuta histórico-cultural criar placas com figuras que sinalizem mensagens para os pacientes durante o momento das sessões de psicoterapia a fim de, através dos signos, promover



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

autorregulação (Vigotski, 2007); assim, a ideia é que elas auxiliem a regular algumas ações, por exemplo: no caso dos pacientes atendidos, não era incomum que, durante o fluxo de comunicação, expressassem considerações e opiniões com caráter de julgamento. Nessas situações, levantávamos uma plaquinha com a figura de um martelo utilizado por juízes em um tribunal, fazendo a indicação de uma carregada de julgamento, geralmente engatilhadora para maiores conflitos.

É importante que se frise que os significados das placas mediadoras devem ser combinados com a parceria a fim de que tenhamos um ambiente de comunicação comum e compartilhado, assim como é fundamental que o que identificamos de adoecido, por exemplo, na dinâmica de comunicação, seja apontada como *déficit* sobre o qual iremos trabalhar e investir em matéria de mediação no cenário terapêutico. As placas mediadoras funcionam como um elemento de triangulação entre a ação verbal e impulsiva (de julgamento, de violência etc.) e a execução dessa ação. Em nossa avaliação, conseguimos criar um ambiente colaborativo para a mediação de cada um dos recursos clínicos, de modo que, após cerca de 3 meses iniciais da psicoterapia histórico-cultural de casal, observamos avanços significativos na zona de aprendizagem que envolvia a comunicação da parceria, além da construção necessária do diagnóstico diferencial, que nos auxiliou no desenho do Projeto Terapêutico Singular.

A configuração de personalidade do casal e suas experiências de aprendizagem

Personalidade é um conceito de valor heurístico muito importante para a psicologia clínica histórico-cultural. De acordo com Leontiev (1978), a personalidade é um sistema e uma unidade de síntese das vivências que experienciamos ao longo de nossa ontogênese. Em linhas gerais, trata-se da síntese dos aspectos que herdamos biologicamente, daqueles que aprendemos durante o nosso ciclo vital e dos aspectos sócio-históricos que estão na base das relações nas quais estamos inseridos. A personalidade é o que há de singular em cada ser humano, é o que nos diferencia subjetivamente uns dos outros e que se conecta com nosso processo de produção de sentidos. Todavia, é importante que sinalizemos que a personalidade, na psicologia histórico-cultural, não é estanque, mas constantemente formada pelas vivências que temos em nossas relações.

Na psicologia clínica histórico-cultural com casais, entendemos que, após o acolhimento-intervenção e do diagnóstico diferencial, já temos informações suficientes para discriminar os contornos subjetivos que um casal ou parceria desenvolveu em relação com suas experiências de aprendizagem. É de comum acordo, no campo da psicoterapia familiar e de casal, que parceriais, assim como indivíduos, possuem subjetividade (Chaves, 2021) – em nossos termos histórico-culturais, personalidade. Também é sabido, dentro de uma perspectiva histórico-cultural, que há estudos que se referem a uma subjetividade institucional (Rey, 2015), assim compreendemos que temos elementos teóricos e de pesquisa suficientes para falarmos na construção da personalidade de um casal ou parceria.

A parceria que atendemos tinha uma história específica: um casal heterossexual em que um dos elementos, o parceiro, passou em um concurso público em uma cidade de que não era natural e foi acompanhado pela outra parte, a parceira. Nesse cenário, ao longo de seus vinte anos juntos,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

tiveram duas filhas, ambas crianças com necessidades educacionais específicas, sendo a primeira delas uma criança no espectro do autismo e a segunda, uma criança com Síndrome de Edwards. Há que se acrescer à descrição o fato de que a parceira não queria, genuinamente, ser mãe, tendo cedido a ambas às gravidezes por desejo do marido. Ademais, por parte da parceira, havia uma construção de sentidos relacionada ao fato de, em sua percepção, seu parceiro nunca quis, de fato, casar com ela, estando com ela por conveniência.

Durante a caminhada terapêutica, devemos buscar investigar a história do sofrimento psíquico manifesto pela parceria, realizando entrevistas individuais com cada uma das partes envolvidas na psicoterapia histórico-cultural de casal, assim como mediar intervenções conjuntas que ponham em perspectiva a narrativa de desenvolvimento da parceria. Já indicamos, por exemplo, que um recurso clínico que pode ser utilizado com esse fim é a dinâmica do tempo, na qual os pacientes devem indicar por escrito os eventos significativos que marcaram sua história como casal, tanto os eventos de valência emocional positiva, como aqueles de valência emocional negativa (Oliveira Neto; Bandeira, 2020). Entretanto, chamamos atenção para o fato de que, de maneira geral, durante as primeiras semanas da psicoterapia histórico-cultural com casais, iremos observar dificuldades evidentes de comunicação entre as partes, assim atividades mediadoras que necessitem ser feitas em conjunto ao longo da semana podem ser inviáveis; nesse sentido, é recomendável que tais atividades mediadoras, como a dinâmica do tempo, sejam feitas sob supervisão do psicoterapeuta.

Fugindo à regra, entretanto, o casal atendido teve condições de realizar a atividade da dinâmica do tempo, o que nos ajudou a entender os delineamentos da personalidade da parceria, ainda que tenham manifestado algumas divergências na forma como percebiam os eventos constituintes de sua história e quais eventos eram, de fato, importantes. Nesse sentido, os pacientes contaram com nossa mediação para regular as narrativas e as implicações afetivas das divergências relacionadas às suas percepções e memórias. Em nossos processos de pesquisa e investigação, nós temos chamado de *caminhada terapêutica* o processo dialético e dialógico que se estabelece entre psicoterapeuta histórico-cultural e paciente. Utilizando a metáfora da caminhada, visualizamos a psicoterapia histórico-cultural como os deslocamentos que paciente e psicólogo realizam juntos, durante o qual o psicoterapeuta auxilia com recursos mediadores o paciente a realizar seu trabalho rumo ao restabelecimento de sua saúde psíquica. Assim como em uma caminhada, podemos eventualmente redirecionar nosso sentido, parar ao longo do caminho para descansar e até mesmo fornecer ao paciente os recursos necessários para continuar a caminhada.

Ao longo dessa caminhada, foram-nos reveladas várias vivências relatadas pela parceira reconhecidas como violências de gênero. É sabido que relações sexo-afetivo-amorosas entre homens e mulheres são marcadas por assimetria, com expectativas, por exemplo, de que mulheres desistam de suas carreiras pelo desenvolvimento profissional dos seus maridos ou ainda para serem mães e cuidarem dos filhos tidos pelo casal (Guahyba; Scheeren; Falceto, 2019). Todas essas foram queixas relatadas com sofrimento acentuado, com o qual precisamos trabalhar durante as sessões com foco em reduzir a referida assimetria e mediar dignidade de gênero dentro da relação. Foram incontáveis as intervenções de psicoeducação focadas em problemas de gênero realizadas com essa parceria,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

visando sensibilizar o parceiro para a desigualdade de gênero e o sofrimento psicossocial vivenciado pela parceira. Um importante aspecto a ser considerado é que a parceira continuamente relatava sobre o arrependimento de ter se tornado mãe, o que se agravava pelo fato de suas filhas terem transtornos/síndromes de difícil manejo.

Na perspectiva de que é papel do psicoterapeuta histórico-cultural intervir com foco em fortalecer os elementos mediadores do desenvolvimento saudável da personalidade, é necessário que tenhamos em vista que a clínica histórico-cultural não é uma terapêutica ortopédica, isto é, focada em “consertar o que está roto no desenvolvimento psíquico” (Rey, 2011); antes, como já explicamos, define-se por ser uma clínica do desenvolvimento e da transformação, com foco em promover autonomia. Nesse fluxo, devemos nos desfocar da clínica da patologia e nos lembrarmos, em nossas intervenções, de que, ao mesmo tempo em que há processos psicológicos adoecidos, há também funções íntegras, por meio das quais podemos generalizar configurações de conduta mais saudáveis, assim como compensar os *déficits* presentes no desenvolvimento dos nossos pacientes. Dessa forma, devemos nos utilizar de estratégias de manejo clínico que mostrem aquilo que está preservado no desenvolvimento mental do paciente (Luria, 2008).

No caso acompanhado, para investigarmos o que havia de saudável na dinâmica do casal, mediamos a atividade do cenário de vida, que consiste em solicitar que os pacientes se representem, através de um desenho, no centro de uma folha e que, a partir da sua percepção de proximidade e distanciamento, ainda por meio do desenho, representem as coisas e pessoas presentes em sua situação social de desenvolvimento (Oliveira Neto; Bandeira, 2020). Com o desenho feito, exploramos as conexões entre o casal e cada uma das coisas ou pessoas nele representadas, e investigamos que tipo de valência emocional e processo de produção de sentidos estão vinculados a cada um dos elementos. Para darmos um exemplo do caso, descobrimos coalisões muito importantes nos relacionamentos interpessoais da parceria, sobre as quais atuamos no sentido de fortalecimento, ampliando a capacidade de a parceria refletir, em contato com as figuras certas, sobre os problemas que estavam vivendo.

O cenário terapêutico na psicologia clínica histórico-cultural é um espaço em que a dialética saúde-doença é constantemente tensionada, a fim de entender como, ao se relacionarem, esses elementos constroem o desenho da personalidade, afetando a produção de sentido, nossas vivências e, portanto, nossos processos de subjetivação. O cenário terapêutico – que é como temos nos referido ao *setting* no contexto da clínica vigotskiana – é também um *locus* dialético, dialógico e marcado pela criatividade expressa nas intervenções do psicoterapeuta histórico-cultural e no movimento de reorganização psíquica pelo qual passa o paciente ao se deparar com os novos elementos mediadores, refazendo sua personalidade em seus processos de aprendizagem.

Em nossa análise, as intervenções mediadas atuaram na promoção de novos processos de aprendizagem nas zonas de desenvolvimento não íntegras do casal atendido, retirando-os progressivamente de um padrão de conduta marcado pela dificuldade de comunicação, impulsividade e ressentimento para posturas mais colaborativas e resolutivas quanto aos problemas e às suas feridas psicológicas. Foi possível também observar o surgimento de novos acordos relacionados à



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

parentalidade e à distribuição de atividades entre eles, a fim de que campos negligenciados na vida de um dos membros, como o trabalho, pudesse ser revisto e investido.

As mudanças na personalidade de um casal estão intimamente conectadas com os mediadores de desenvolvimento a que tem acesso e com o qual interage, de modo que, a depender do que dispomos intencionalmente como psicoterapeutas na zona de desenvolvimento dos pacientes, poderemos obter mudanças significativas na forma como a personalidade, que não é um sistema estanque, configura-se (Vigotski, 2018). Tais mudanças foram fundamentais para que puséssemos em prática as demais intervenções formuladas no Projeto Terapêutico Singular considerando os desafios vivenciados pelo casal atendido.

Mediação de desenvolvimento e promoção de rupturas

Projeto Terapêutico Singular (PTS) é um termo oriundo do campo da saúde pública, mais especificamente da política de cuidado em saúde mental, que orienta a construção de intervenções singularizadas para sujeitos em sofrimento psíquico e em situação de vulnerabilidade social. Seu objetivo central é extrapolar as perspectivas tradicionais de cuidado, as quais focam na resolução de problemas clínicos e de necessidades psicofarmacológicas. Assim, trata-se de uma ferramenta que mergulha no contexto sócio-histórico produtor do sofrimento mental (Boccardo *et al*, 2011). Apesar de cada área psi ter seus pressupostos teórico-metodológicos, temos encontrado bastante ressonância da ideia de PTS quando a expomos à luz da Psicologia Histórico-Cultural, que, afinal, quando na clínica, é uma terapêutica interventiva e contextualizada, para citar duas de suas principais características.

Assim, neste relato, apresentamos o conceito de Projeto Terapêutico Singular para fazer menção ao processo de organização da caminhada terapêutica do paciente por parte do psicoterapeuta histórico-cultural, no qual o psicólogo clínico dispõe intencionalmente de certos instrumentos e estratégias de mediação para promover desenvolvimento, o que abrange desde o fortalecimento das funções psicológicas superiores até a ampliação de novas configurações de conduta e de personalidade. Quando olhamos para o trabalho do nosso querido psicólogo soviético, Lev Vigotski, encontramos intervenções e propostas de pesquisa singularmente desenhadas para cada sujeito que com ele estava e para cada realidade de pesquisa em que se inseria (Luria, 2017).

Na perspectiva de que nosso planejamento clínico deve se orientar, como já discutimos, pela dialética saúde-doença, identificamos alguns potenciais de aprendizagem íntegros a partir dos quais planejamos intervenções. Mais especificamente quanto ao casal atendido, identificamos potencial de saúde em sua atividade sexual. Apesar de o fluxo de comunicação estar prejudicado, a parceria conseguia ter momentos de intimidade sexual muito produtivos, conforme por eles relatado, possuindo também abertura para a experimentação da sexualidade em uma perspectiva não-monogâmica, o que lhes garantia a possibilidade de conhecerem outras pessoas e ampliarem seu repertório erótico e sexual de forma mais livre. Somando-se ao relato, Vigotski (2010) já sinalizava, desde meados do século XX, a importância da vivência da sexualidade ou melhor, em seus termos, da educação dos instintos sexuais. Para o autor, não era possível falar em desenvolvimento psíquico



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

integral sem investigar os aspectos da atividade sexual do ser humano.

Nosso projeto terapêutico singular, no que tange à zona de desenvolvimento sexual, caminhou no sentido de explorar os conceitos relacionados ao sexo e os sentidos também a ele relacionados. Uma das atividades que propusemos foi um recurso clínico que também desenvolvemos, os *cartões-conceito*. A atividade consiste em o psicoterapeuta histórico-cultural disponibilizar cartões com palavras para o paciente, os quais fazem conexão com os desafios clínicos por que esteja passando, com o objetivo, sobretudo, de explorar os significados e os sentidos associados a cada um dos conceitos representados nos cartões (Vigotski, 2007). No caso da parceria em questão, os cartões elaborados foram “casamento”; “monogamia”, “prazer”, “sexo”, “não monogamia”, dentre outros. A mediação foi muito frutífera no sentido de nos auxiliar, no cenário terapêutico, a desenvolver regras para a experimentação sexual do casal com as quais ambos estivessem satisfeitos.

Em conformidade com Vigotski (1999b), a formação de conceitos é uma função psicológica superior central na organização do nosso sistema psicológico. Ela está relacionada à forma como organizamos a realidade, desde a forma como a percebemos até o processo de internalização, através do qual incorporamos dialeticamente novos elementos mediadores à nossa vivência e à nossa personalidade. Em nossa experiência clínica, temos percebido que, grande parte dos desafios que nossos pacientes enfrentam estão fundamentados nos problemas do desenvolvimento dos conceitos. Basta pensarmos em um exemplo muito comum: não é raro que mulheres permaneçam em relações infelizes e violentas tendo em vista os conceitos reificados que formaram acerca de seu papel de gênero dentro das relações sexo-afetivo-amorosas (Santiago *et al*, 2023).

Nesse contexto, mediar desenvolvimento psicoterapêutico significa organizar intencionalmente aprendizagens que expandam a zona de desenvolvimento próximo de nossos pacientes na clínica, permitindo-lhes avançar de condutas reificadas a uma atividade, de fato, criativa; assim, capaz de promover transformações significativas na realidade e, por sua vez, pelo princípio da dialética, transformar a si mesmo (Vigotski, 2024). No caso da clínica histórico-cultural com casais, isso se relaciona com a capacidade de refazer os caminhos trilhados até então, desenvolvendo novos acordos entre a parceria, outras formas de comunicação, bem como a despotencialização de condutas que contribuem para a redução do bem-estar psicológico do casal.

Apesar de nossas intervenções estarem, em linhas gerais focadas, no fortalecimento das funções superiores, na ampliação do repertório de atividade e conduta e na mudança das configurações de personalidade, precisamos ter no horizonte que aquilo que intencionalmente propomos não necessariamente, no caso da psicoterapia histórico-cultural de casal, identifica-se com sarar as feridas psicológicas da relação – essa, na verdade, é uma imagem e uma expectativa criada pela grande mídia sobre o trabalho de psicólogos clínicos de casais, o que não corrobora com o tipo de intervenção que mediamos na clínica histórico-cultural. Evidentemente, estaremos alinhados com a promoção de saúde mental e, se possível, com o reparar das relações, que costuma ser a razão pela qual somos buscados, mas não atuaremos em uma perspectiva salvadora. Promoveremos, na verdade, desenvolvimento, ainda que ele signifique ruptura.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

Pensando o casal atendido, as raízes genéticas do sofrimento psíquico eram tão profundas, que as vivências de adoecimento tornaram inconciliável a permanência dos dois juntos, mesmo após vinte anos de casamento. Em alguns momentos ao longo da caminhada terapêutica, foram feitas sinalizações acerca da incompatibilidade da parceria com relação a) ao seus projetos de vida; b) à forma como viam a realidade (visão de mundo); c) práticas parentais e sentido de afetividade com as filhas, dentre outros. Assim, tendo em vista os vínculos que os membros da parceria iriam manter mesmo após o divórcio, auxiliamo-los a estruturar novos limites, regras e acordos.

CONSIDERAÇÕES

A Psicologia clínica Histórico-Cultural é uma alternativa psicoterapêutica promissora em um cenário de atuação ainda marcado pelas correntes tradicionais de atuação em psicoterapia, as quais ainda não superaram os limites metodológicos apontados por L. S. Vigotski ainda na primeira metade do século XX. Nesse cenário, empreendemos esforços para a construção da psicologia clínica histórico-cultural no contexto da psicoterapia de casal, sendo este o primeiro texto acadêmico-científico brasileiro sobre o tema. Nossa práxis profissional sinalizou que a psicologia clínica histórico-cultural com casais não só é possível, mas que também contribui para com a) um desenho crítico e contextualizado do diagnóstico diferencial das parcerias atendidas em psicoterapia; b) a mediação de novos processos de aprendizagem auxiliares na mudança das configurações de personalidade desenvolvidas por casais ao longo de sua ontogênese; e c) o estabelecimento de contextos saudáveis de desenvolvimento, estando estes relacionados à manutenção ou à ruptura das relações amorosas atendidas.

Por fim, destaca-se a importância de que mais estudos no campo da psicologia clínica histórico-cultural com casais sejam realizados, tanto usando outras estratégias qualitativas, bem como enveredando-se por estratégias quantitativas para a produção de novos sentidos na atuação de jovens psicoterapeutas histórico-culturais. Entendemos que este estudo, por ser um relato de experiência, apresenta limitações, como a impossibilidade de generalização das informações aqui discutidas para todo e qualquer processo psicoterápico com casais na abordagem histórico-cultural, entretanto ele se coloca como uma referência para olharmos para o horizonte de atuação na psicologia clínica histórico-cultural com casais. Enfim, sinalizamos que mais estudos sobre o tema sejam realizados. Em uma perspectiva qualitativa, sugerimos investigações do tipo estudo de caso, a fim de que superamos a análise das impressões do(s) psicoterapeuta(s) e mergulhemos nas etapas do atendimento. Em uma perspectiva quantitativa, apontamos arranjos de pesquisa que permitam olhar sistematicamente para a avaliação dos sintomas clínicos vividos pelas parcerias atendidas ao longo da caminhada terapêutica, com auxílio de escalas relacionadas às dificuldades clínicas presentes.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. B. **Violência psicológica no casal: gênero, cultura da honra e regulação emocional**. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7111>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BOCCARDO, A. C. S. *et al.* O projeto terapêutico singular como estratégia de organização do cuidado nos serviços de saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 85-92, 2011.

CHAVES, E. A invenção do "casal": subjetividade, verdade e sexualidade. **Revista Ideação**, v. 1, n. 44, p. 48-62, 2021.

COSTA, C. B. *et al.* Terapia de casal e estratégias de resolução de conflito: Uma revisão sistemática. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, n. 1, p. 208-223, 2017.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2012.

DINIZ NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, p. 133-141, 2005.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, p. 381-387, 2004. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38481>. Acesso em: 02 nov. 2024.

FERES-CARNEIRO, T. Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível? **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 53-63, 1994.

GRASSI-OLIVEIRA, R.; DARUY FILHO, L.; BRIETZKE, E. Coping como função executiva. **Psico**, v. 39, n. 3, 2008.

GUAHYBA, B. L.; SCHEEREN, P.; FALCETO, O. Feminismo na terapia familiar. **Pensando famílias**, v. 23, n. 1, p. 213-224, 2019.

LEONTIEV, A. N. **Atividade, consciência e personalidade**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

LIMA, A. I. B. **Cartas para Vigotski: ensaios em psicologia clínica histórico-cultural**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

LIMA, A. I. B.; OLIVEIRA NETO, J. S. **Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**. 8 ed. São Paulo: Ícone, 2017.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: USP, 1981.

LURIA, A. R. **O homem com um mundo estilhaçado**. Petropolis: Vozes, 2008. v. 713, p. 713-714.

MELLO, M. V. O.; GOIS, R. P.; LIMA, D. S. Aspectos clínicos da síndrome de Edwards. **Pediatr. mod**, 2014.

NAGAI, W. A.; IZEKI, C. A. Relato de experiência com metodologia ativa de aprendizagem em uma disciplina de programação básica com ingressantes dos cursos de Engenharia da Computação, Engenharia de Controle e Automação e Engenharia Elétrica. **Revista de Exatas e TECNológicas**, v. 4, n. 1, p. 18-27, 2013.

OLIVEIRA NETO, J. S. A mediação terapêutica para além da pessoa: terapia de grupo e com casais na clínica histórico-cultural. *In*: LIMA, A. I. B.; OLIVEIRA NETO, J. S. **Práxis na clínica histórico-**



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

OLIVEIRA NETO, J. S. *et al.* Subjectivity and Constitution of the Subject in the Cultural-Historical Clinic: An Experience Report. **Lurian Journal**, v. 3, n. 3, p. 22-39, 2022.

OLIVEIRA NETO, J. S.; BANDEIRA, S. R. Os instrumentos de mediação na clínica e o papel da arte. In: LIMA, A. I. B. **Cartas para Vigotski: ensaios em psicologia clínica histórico-cultural**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

OLIVEIRA NETO, J. S.; LIMA, A. I. B. Subjetividade e constituição do sujeito na Clínica Histórico-Cultural de L. S. Vigotski. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 55, 1-19, 2024.

REY, F. L. G. A saúde na trama complexa da cultura, das instituições e da subjetividade. **SUBJETIVIDADE**, p. 9, 2015.

REY, F. L. G. **Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez, 2011. v. 33.

SANTIAGO, A. P. S. *et al.* Violência contra mulheres: dependência emocional e relações abusivas. **Revista de Trabalhos Acadêmicos Universo – SÃO GONÇALO**, v. 7, n. 13, 2023.

SILVA-DIAS, A. Y. M. *et al.* Programas educacionais para casais: uma revisão sistemática da literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. e14012238481-e14012238481, 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38481>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SOUZA, D. C. **Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM**. 2018. 81f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6809>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SOUZA, J. B. F.; ALMEIDA, K. A. S. L.; GOMES, I. C. Os desafios da conjugalidade na pandemia de COVID-19. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 10, n. 23, p. 95-114, 2022.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petropolis: Vozes, 2021.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L. S. Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil [Esquema de investigação pedológica]. In: _____. **Obras Escogidas – Tomo 5: fundamentos de defectología**. Madrid: Visor y Ministério de Educación y Ciencia, 1997. p. 275-338.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2024.

VIGOTSKI, L. S. O Significado Histórico da crise da Psicologia. _____. **Teoria e Método em Psicologia**. Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas – Tomo 3: Problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor, 1999b.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas – Tomo 4: paidologia del adolescente y problemas de la psicología infantil**. Madrid: Visor, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A PRÁXIS NA PSICOLOGIA CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL COM CASAI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
José da Silva Oliveira Neto, Ana Ignez Belém Lima

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo**. São Paulo: Hogrefe, 2023.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de LS Vigotski**: sobre os fundamentos da pedagogia. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *et al.* **Desenvolvimento, linguagem e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2005.